

*Ana Maria Maçalhães  
Isabel Alçada*

**Uma  
Aventura**

**na Ilha de Timor**

*Ilustrações de  
Arlindo Faundes*

**CAMINHO**



*Para escrever este livro contámos com amigos  
que nos acompanharam em Timor  
e a quem agradecemos o apoio constante e caloroso:*

*D. Basílio Nascimento — bispo de Baucau  
João Câncio Martins — ministro  
da Educação de Timor-Leste  
Luís Barreira de Sousa — embaixador  
de Portugal em Timor-Leste  
Maria de Jesus Chaves — conselheira cultural  
da Embaixada de Portugal*



*Aos queridíssimos leitores:  
Bernardo Fatela, João Reis, Vasco Nogueira,  
Luís Casqueiro, Paula Pinto, Ana Catarina Jesus,  
Afonso Morgado Mota, João Maria Duarte,  
António Mensurado, Pedro Mauretti,  
Beatriz Lopes, Carolina Coelho*

*E aos queridíssimos amigos que partilharam  
connosco a sua experiência de vida em Timor:  
Miguel Caldeira, Cláudia Esteves, João Carvalho,  
Rita, Leonor e Teresa Felgar, Inês e Zahara*



## Capítulo 1

# Chegada atribulada



— Onde é que está a caixa dos microfones?  
— perguntou o Chico já desesperado.

— Tem de estar aí no meio dos outros caixotes — respondeu o Pedro também enervadíssimo.

— Uma caixa tão grande não se evapora!

— Mas pode ter ficado no avião e seguido viagem — lembrou a Teresa inquieta.

Os outros ficaram gelados ao ouvirem dizer em voz alta o que afinal todos pensavam que podia ter acontecido.

— Se foi assim, que bronca!

Chico pousou a lanterna e pegou noutra mais forte para iluminar o interior do barracão onde já tinham arrumado e desarrumado várias vezes um monte de caixotes.

— Vamos ver, tem de estar aqui...

O foco de luz ia mostrando os letreiros das tampas, Pedro resolveu ler:

— Lâmpadas coloridas, gerador, fios, mesa de som, lâmpadas brancas...

— Cala-te! — pediram as gémeas em coro.

— Porquê?

— Porque essas palavras complicam-nos com os nervos.

— Estas palavras? Vocês entram em parafuso por ouvirem dizer «lâmpadas»? É uma alergia?

— Ora, Pedro, não te armes! Sabes muito bem que estamos assim porque não nos devíamos ter metido nisto.

— Não digas uma coisa dessas que te fica mal — ripostou o João indignado. — Vocês as duas é que perderam a cabeça quando viram o anúncio do mega-concerto em Timor!

— Perdemos a cabeça por causa da viagem.

A irmã apressou-se a apoiá-la.

— Claro! Era uma oportunidade fantástica de voar para o outro lado do mundo sem pagar bilhete.

— E agora que já cá estamos resolvem queixar-se?

— Eu não me queixo da viagem. Se viesse em férias, tudo bem.

— Só que ninguém nos ofereceu férias em Timor. Nós fomos de propósito ao Instituto da Juventude para nos inscrevermos como voluntários e participar neste programa de Verão, lembram-se? E vocês ficaram loucas de alegria quando chegou a mensagem do tal Sam a dizer que a organização MT tinha seleccionado o nosso grupo entre 57 grupos candidatos.

— Maldito Sam — resmungou a Teresa.

— Maldito? Na altura dizias que o Sam devia ser o homem mais inteligente do mundo por ter percebido que éramos os melhores, os mais capazes, os mais aventureiros...

— Pois agora digo exactamente o contrário. Esse tal Sam deve ser um estúpido porque escolheu as pessoas erradas. Nós realmente somos fantásticos e aventureiros mas não percebemos nada de espectáculos, não sabemos montar palcos, nem sistemas de luz, nem de som!

— Calma, Teresa. Não somos só nós que vamos organizar os espectáculos nem montar os palcos. Só fomos contratados para ajudar quem sabe e para dar apoio à organização.

— E onde é que está a «organização»? — perguntou a Luísa aos berros. — Só vimos um tipo no aeroporto que nos mandou despejar nesta praia com um monte de caixotes. O motorista que nos trouxe a única coisa que disse foi para guardarmos tudo neste barraco de madeira e plof!, desapareceu sem deixar rasto!

— Sem deixar rasto, sem explicar nada, sem nos falar em comida, nem em dormida...

A gritaria das gémeas teve como efeito olharem uns para os outros desconcertados, desanimados, suados. Tinham sentido de repente um vazio no estômago que talvez fosse fome, e uma secura na garganta que talvez fosse sede. Através de uma frincha viam perfeitamente os carros que circulavam na estrada e as luzinhas da cidade de Díli, mas apesar de estarem bem perto, parecia-lhes que estavam muito longe. O calor, o escuro, o aperto entre caixotes também não ajudavam.

— Vou lá para fora — declarou o Chico pegando na mochila.

— Boa! — disse o João. — Os tipos com certeza vêm-nos buscar, mas se se atrasarem, abrimos os sacos-cama e dormimos na praia.

Saíram ambos acompanhados pelas gêmeas, Pedro travou-lhes o passo e não os deixou afastar.

— É melhor ficarmos dentro do barracão ao pé dos caixotes.

— Para quê? Para guardarmos o material?

— Não, para evitar surpresas.

Falava num tom cauteloso porque não queria assustar os amigos, mas não era preciso ser um génio para perceber que ele estava atrapalhado.

— Qual é a ideia? O que é que tens na cabeça?

— Tenho... hã... crocodilos.

— Crocodilos? Estás a gozar?

Pedro acenou negativamente e antes de responder deitou uma mirada às ondas mansinhas e orladas de espuma que vinham morrer no areal.

— Li no avião que as praias da Austrália, de Timor e de outras ilhas desta zona são excelentes mas que é preciso cuidado, sobretudo à noite, porque às vezes aparecem crocodilos.

Tomando balanço, acrescentou de um jacto:

— Esfomeados!

Não foi preciso mais nada para que o barracão de madeira escuro e apertado ganhasse os contornos de melhor abrigo do mundo. Enfiaram-se imediatamente lá dentro e, como as tábuas assentavam sobre estacas e era preciso subir uns quantos degraus para alcançar a porta, sentiram-se em segurança. Em todo o caso, voltaram a espiar a superfície da água receando que aparecesse à tona

o terrível vulto comprido, rugoso e de grande bocarra, mas a chegada de três jipes que estacionaram mesmo ali em frente distraiu-os de preocupações. Seria finalmente a malta da organização que vinha ter com eles? De olhos postos nos jipes, viram apear-se homens e mulheres vestidos com roupas estrambólicas. Traziam lanternas potentes, conversavam e riam entre si, encaminhavam-se para o barracão na maior algazarra. Letreiros de metal estampados nas portas dos jipes rebrilhavam à luz da Lua exibindo duas letras identificativas: MT.

— *Music Talents*, ou, se preferirem em português, «Talentos Musicais» — suspirou o João aliviado. — Estes devem ser os tipos que nos contrataram. Se já aí estão, tudo bem.

— Ou tudo mal. Quando lhes dissermos que perdemos a caixa dos microfones vão ficar possessos.

— Isso resolve-se — disse logo o Chico. — Problema eram os crocodilos, mas se esta malta entra na praia à vontade é porque não há perigo. Vamos ter com eles, venham!

Saltou-lhes ao encontro no seu passo elástico e de mão estendida.

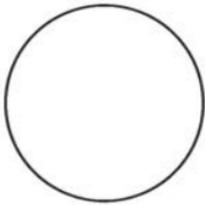
— Boa noite! Qual de vocês é o Sam que escolheu o nosso grupo entre mil?

Em vez de um homem conforme esperavam, foi uma mulher que se destacou para os cumprimentar.

— Sou eu. Chamo-me Samanta, mas toda a gente me trata por Sam.

## Capítulo 2

# Os primeiros contactos



Um coro de gargalhadas interrompeu a conversa, mas não era ninguém a rir, era o telemóvel da Samanta a tocar. Ela atendeu, fez-lhes o sinal de quem pede «esperem só um momento que já falamos» e afastou-se um pouco.

O grupo que a acompanhava tinha voltado aos jipes a buscar qualquer coisa, eles continuaram ali com um pé na areia e outro na estrada a observar tudo e a cochichar em surdina:

— Esta Sam é bem gira!

— Mais que gira, um «avião». Já reparaste na tatuagem?

— Então não havia de reparar?

Os rapazes, meio abananados com aquela inesperada presença feminina, não conseguiam tirar os olhos de cima dela.

Samanta era alta, magríssima e tinha uma cabeleira loira fantásticamente encaracolada a cair sobre os ombros. Cara alegre, nariz arrebitado e expressão afirmativa. Boca enorme, que desenhava um sorriso invulgar na face porque não deixava à mostra só os dentes da frente como é normal,

mostrava os dentes todos, de cima e de baixo, perfeitamente alinhados, tão brancos, tão brilhantes que pareciam polidos para algum anúncio de pasta dentífrica. Mas de facto não era só bonita, sabia valorizar-se com as roupas e os enfeites.

As calças largas, de tecido fino, quase transparente, descaíam na cintura deixando livre uma boa tira de pele. E era ali que se encontrava a tatuagem em forma de lagarto, um lagarto pintalgado e pintado de modo a que o umbigo ficasse no lugar de um olho. Olho saliente. Ora enquanto Samanta falava, falava, os músculos da barriga mexiam, mexiam, e parecia mesmo que o lagarto estava a respirar.

— Se vocês continuarem assim, a Samanta vai achar que são parvos — disse a Teresa vagamente irritada por ver os amigos naquele transe.

Luísa concordou:

— Pois é, disfarcem!

— Eh! Eh! Vocês estão é com inveja!

— Inveja de quê?

— Hum... da tatuagem?

A resposta pronta do Chico temperou a irritação das gémeas, que logo a seguir fizeram novo alerta:

— Estão embaçados, mas acalmem-se porque ela deve ter um feitio infernal.

— Porquê?

— Porque agora está a descompor alguém.

— Tens razão, Teresa. Mas olha só o lagarto, até parece que lhe vai saltar da barriga!

— Oh, Chico!

Tinham virado costas à estrada, de repente ouviram barulho de motores, voltaram-se e viram dois dos jipes arrancar para o interior da cidade. Em terra ficara apenas um rapaz, aliás um rapagão, também muito alto e muito loiro, que arrumava umas tralhas no terceiro jipe. Por breves instantes pensaram que pudesse ser irmão da Samanta, mas como a certa altura interrompeu as arrumações e envolveu-a num olhar comprido, mudaram de ideias.

— Vai dar romance no mega-concerto.

— Ou já deu. Se calhar são namorados.

— Mas não combinam, porque ela é mandona e ele tem um ar muito calmo.

— Super-calmo. Se fosse comigo, garanto que aproveitava a «calmaria».

— E que bela calmaria para um passeio na praia!

— Então que é isso, gémeas? Já perderam o medo dos crocodilos? — perguntou o João no gozo. — Tenham cuidado...

O rapaz fechara a mala do jipe com uma pancada seca e aproximara-se deles sorrindo, bem-disposto.

— Eu sou o Amaro. Amaro Nunes. E parece-me que ouvi aqui alguém falar de crocodilos.

— Hã... sim, pois...

— Foi o Pedro. Ele leu um folheto onde estava escrito que têm aparecido por cá. É verdade?

— É. Mas aparecem sobretudo nos sítios onde há lama e plantas.

— Não entram nas praias?

— Às vezes, mas é raro. Em todo o caso convém prestar atenção.

O que dizia era inquietante, mas a maneira de falar muito serena e sobretudo o total à-vontade perante aquele assunto, contagiou-os. Luísa ainda perguntou:

— Os crocodilos nunca se afastam muito do mar, pois não? Se aparecessem, não chegavam até aqui?

— Não, à estrada não vêm, fica descansada.

— É bom estar com quem conhece a terra e tem experiência — disse a Teresa. — Há bocado, ali no barracão, entrámos em pânico, agora ao pé de si parece tudo simples e fácil de resolver.

— E mais — continuou o Pedro. — Antes de vocês chegarem olhei para as luzes da cidade e pareceram-me longíssimo, mas afinal basta atravessar a estrada para entrar em Díli.

— E devíamos ter entrado para procurar um sítio onde comer, estou morto de fome.

— Quanto a isso não se preocupem, a Sam encomendou ceia no hotel.

Nesse preciso momento Samanta desligou o telemóvel e aproximou-se a barafustar:

— Hotel, nada, e a lancha, avariou! Isto só a mim!

Amaro passou-lhe o braço à volta dos ombros.

— Não te enerves! Com calma tudo se resolve!

— Isso é o que tu achas! — respondeu ela sacudindo-o. — Tens a mania, mas as coisas resolvem-se é com quatro berros!

Ele encolheu os ombros e calou-se, as gémeas trocaram olhares de entendimento, divertidas por

terem acertado nas deduções. Pedro, pensando que uma pergunta simples talvez cortasse a nervoseira, fez a experiência:

— Não há quartos para nós dormirmos?

— Não há é para mim! — respondeu ela num tom brusco. — Não há é para mim!

— Nesse caso fique com o meu — propôs o Chico também na intenção de acalmar os ânimos. — Trouxe saco-cama, durmo em qualquer parte.

Samanta esboçou um sorriso de significado duvidoso.

— Para vocês nunca esteve previsto haver hotel, vão dormir num barco.

— Num barco? A tal lancha que avariou?

— Não, que dispare!

Amaro interrompeu-a:

— Os nossos mega-concertos chamam sempre muita gente, nunca há hotéis que cheguem para alojar a malta, temos de improvisar soluções. Este ano, como escolhemos uma ilha para o evento, alugámos um barco que funciona como hotel flutuante. Vocês dormem a bordo.

— E onde é que está o barco?

— Ali adiante, ancorado. Para lá chegarem é que precisávamos da lancha a motor.

— Que avariou logo hoje — resmungou Samanta ainda irritadíssima. — Por isso têm de se contentar com navegação a remos.

— A remos? — perguntou desta vez o João, olhando os pequenos barcos de madeira, que se encontravam espalhados na areia. — Numa daquelas canoas?